

Com eleição, clima de fim de governo mina reformas

A chance de aprovação de reformas econômicas até 2022 passou a ser vista com o remota pelo mercado financeiro e por analistas políticos, revertendo o otimismo do início do ano após a mudança no comando do Congresso. Pesam contra as propostas a continuidade da pandemia, a CPI em curso e o clima de disputa eleitoral antecipada. Mercado A18

Ernesto dissimula sobre China e admite ação por cloroquina

Ex-chanceler afirma à CPI que Bolsonaro integrou esforço para obter remédio ineficaz contra Covid

Ernesto Araújo, ex-chanceler de Jair Bolsonaro, admitiu que mobilizou a estrutura do Ministério das Relações Exteriores para comprar hidroxicloroquina, remédio ineficaz contra a Covid-19, e afirmou que o próprio presidente atuou no processo.

A CPI da Covid no Senado Ernesto tentou se distanciar do efeito de suas declarações críticas à China sobre a falta de vacinas no país, alegando que não as vê como "antichinesas". Ouviu do presidente da comissão, Omar Aziz, que faltava com a verdade.

Reportagem da Folha no último dia 9 mostrou que o Itamaraty enviou telegramas à Índia de março a junho de 2020 para assegurar a importação do medicamento e da matéria-prima para produzi-lo. O mesmo esforço não foi empenhado com vacinas.

Para parte dos senadores, as tentativas do país de obter mais imunizantes foram sobapadas pelas críticas do presidente e de seu ministro à China, produtora de vacinas e de seus ingredientes. Atualmente, as entregas ao Brasil estão atrasadas. Poder A4

Análise Patricia C. Mello Ex-ministro deixa patente omissão do Itamaraty ao ignorar vacinas A6

Fala à CPI teve dados falsos sobre China, consórcio de imunizantes e OMS, aponta checagem A6



Em um dos depoimentos mais aguardados, o ex-chanceler Ernesto Araújo fala à CPI da Covid no Senado. Pedro Ladeira/Folhapress

“**Coronavírus nos faz despertar para o pesadelo comunista**”
Ernesto Araújo
Em artigo de abril de 2020

“**Não vejo nenhuma declaração (...) como antichinesa**”
Ernesto Araújo
Na CPI da Covid, ontem

ENTREVISTA
Kátia Abreu
Jamais pautarei Ernesto para qualquer lugar

Presidente da Comissão de Relações Exteriores do Senado diz à Folha que ex-chanceler, pelo “componente destruidor”, não tem condição de ir para nenhuma embaixada. Poder A7

Grupo usa táticas bolsonaristas para conteúdo oppositor

Dispostos a “revidar” apoiadores do governo que “jogaram desmarcados por muito tempo”, um coletivo anônimo tem se valido de táticas também usadas pelos bolsonaristas para difusão nas redes sociais de conteúdo contrário ao presidente. Poder A10

‘Rogério ficou com o fígado velho’, conta Gero Fasano

Com um transplante de fígado, Gero Fasano, 59, descartou o prenome Rogério e fez do apelido seu nome oficial, relata Naief Haddad. Nesta semana, após 18 meses, ele volta a capitanear seus 24 restaurantes e 7 hotéis. Cotidiano B6



Fasano diante do restaurante Gero. Eduardo Knapp/Folhapress

70% consideram vacinação no Brasil lenta, diz Datafolha

Sete em cada dez brasileiros consideram lento demais o ritmo com que o Brasil tem vacinado seus habitantes contra a Covid, mostra pesquisa Datafolha. Em quatro meses de campanha, 12,2% da população adulta receberam as duas doses previstas.

Os mais descontentes são aqueles entre 25 a 34 anos, principais afetados pelo atraso. O levantamento, feito em 11 e 12 de maio, tem margem de erro de dois pontos e indica que 91% das pessoas pretendem se vacinar ou já o fizeram. Saúde B1

Doria isenta de ICMS alguns setores da saúde

O governador João Doria (PSDB) anunciou que São Paulo vai zerar o ICMS para medicamentos usados nos tratamentos de diálise, Aids e câncer. Também ficam isentos equipamentos e insumos para entidades beneficentes. Cotidiano B7

FOLHA, 100

Texto inédito de Contardo Calligaris fala de 1ª coluna Poder A8

Jornal lança domingo caderno cultural ampliado Poder A8

Na Folha, Joelmir Beting revolucionou jornalismo econômico Poder A9

EDITORIAIS A2

Abrir o leque
Sobre projeto que facilita compra privada de vacina.

O bebê e a água do banho
A respeito de A constituente recém-eleita no Chile.

ATMOSFERA

São Paulo hoje
25°
13°
0h 6h 12h 18h 24h

Amanhã 13° 26°
Sexta 14° 26°
Sábado 15° 24°

Fonte: www.climatempo.com.br

ISSN 1414-5723
9 771414 972049 3 3 6 4 9

Polícia apura se MC Kevin pulou para se esconder da mulher

A polícia investiga se MC Kevin pulou da sacada do hotel por temer que a esposa pudesse vê-lo com outra mulher. A modelo Bianca Dominguez disse que estava no quarto na hora da queda e teve relação sexual com ele. Ilustrada B13

Esporte B8

Aposta na defesa

Petrovic tem missão de levar basquete do Brasil a Tóquio

Ilustrada B10

Art déco, versão 22

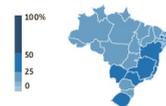
Mostra no MAM revisita Semana de Arte Moderna

Vacinação no Brasil

% da população vacinada*

	2ª dose	1ª dose
Brasil	12,2	24,8
MS	14,1	32,2
RS	13,0	30,7
ES	10,1	27,6

Cobertura da primeira dose*



Total de doses aplicadas	19,7 mi	39,9 mi
1ª SP	5,1 mi	9,9 mi
2ª MG	2,1 mi	4,2 mi
3ª BA	1,4 mi	3 mi

Números da pandemia

Total	Casos	Óbitos
18.mai**	64,3 mil	1.953
Variação***	8,7%	-17,3%
Em 24 h	74,4 mil	2.517



Dados das 20h de 18.mai *Acima de 18 anos **Média móvel de 7 dias ***Em relação a 14 dias

Atila Iamarino
Ainda jogamos contra imunização

Avacina salva vidas —houve queda desproporcional das mortes acima de 80 anos—, mas nossa gestão pró-contágio coloca essa conquista em risco. A CPI da Covid já demonstrou que dispensamos 240 milhões de doses. Saúde B3

Vinicius T. Freire
Novo alerta de tsunami da Covid

O estado de São Paulo deveria dar alerta de tsunami na epidemia de Covid. O número de mortes voltou a subir desde sábado. Pode ser que nada ainda pior aconteça, mas há sinais preocupantes nos últimos dez dias. Mercado A20

Número de mortos à espera de UTI em SP volta a acelerar

Saúde B2

Prefeitos vitimados por vírus em 2021 já chegam a 20

Saúde B2

Conflito mergulha Gaza em crise humanitária

Há falta de alimentos, de água potável e de remédios no território palestino em confronto com Israel, e mais de 52 mil já tiveram de deixar suas casas, informaram ONU e OMS. A15

semináriosfolha
Agronegócio Sustentável
5ª edição
20 DE MAIO
15h às 18h30
(horário de Brasília)
Acompanhe ao vivo o debate online sobre o meio ambiente como protagonista na produção agrícola
folha.com/agronegociosustentavel
Saiba mais na página A7

cotidiano



Eduardo Knapp/Folhapress

Gero Fasano

Eu me senti rebatizado depois de fazer um transplante de fígado

Empresário da gastronomia muda de nome oficialmente —antes Rogério, agora Gero— e volta à ativa após enfrentar um câncer

ENTREVISTA

Naief Haddad

SÃO PAULO Assim que acordou da anestesia depois do transplante de fígado, em outubro do ano passado, o empresário perguntou ao seu cirurgião, Ben-Hur Ferraz Neto, que estava ao lado. “Ben, tô vivo?” O médico respondeu: “Gero, não só tá vivo, como tá ótimo”.

Naquele instante, ele decidiu finalmente abandonar oficialmente seu nome, como cogitava havia anos. Rogério Marco Fasano ficava para trás, junto com o fígado extraído. Surgiu Gero Fasano, como consta na nova certidão. Esse foi um dos capítulos recentes de um processo iniciado em outubro de 2018, quando ele recebeu o diagnóstico de cirrose hepática, resultado de quatro décadas com uma rotina diária de até três garrafas de vinho. A cirrose deu origem a um câncer de fígado, e a entrada na fila do transplante tornou-se inevitável.

Em sua primeira entrevista sob o novo nome, Gero Fasano, 59, conta que ficou afastado por cerca de um ano e meio e está retomando o trabalho efetivamente nesta semana.

O homem à frente de 24 casas (restaurantes e bares) e sete hotéis no Brasil e no Uruguai também fala à Folha sobre os efeitos das restrições impostas durante a pandemia. Houve impacto em seus negócios — fechamento do restaurante de Brasília e de um bar e um quiosque no Rio. Mas o grupo, diz o empresário, “vai ficar de pé e tem muitos planos”. Abre nos próximos meses um restaurante e um projeto residencial em Nova York.

O que causou a cirrose? Alguns fatores foram gotas de água, e certamente o estilo de vida pesou. Abri meu primei-

ro restaurante com 18 anos; são, então, 40 anos de noite, dormindo às 4h, 5h. Nunca bebi durante o dia, sempre trabalhei muito. Só que depois das 19h30, eu começava a tomar vinho e, como sempre tive resistência gigantesca, raramente ficava bêbado. Ia até 4h, sem limite. Quando eu via, eram três garrafas todo dia, e meu fígado começou a dizer: “Estou cansado”.

Numa noite, fui entrevistar o [chef] Erick Jacquin para o Corriere Fasano [publicação do grupo], nem abusei muito. Acordei enjoado, fui ao banheiro e vi que estava cheio de sangue. Graças a Deus, consegui estancar e preservar um percentual do fígado.

Vieram problemas, como a encefalopatia [complicação da doença que afeta funções cerebrais]. Te deixa atordoado. Eu atravessei a Park Avenue, em Nova York, sem olhar para os lados. Os caras brecavam à minha volta e não sabia

que era eu quem estava causando aquilo. Você não consegue andar em linha reta, cai no chão. É muito degradante.

Como foi a decisão pelo transplante? Ela não é muito sua, é mais do médico. Boa parte das pessoas com cirrose hepática desenvolve câncer. Qual é o grande problema? Depois de um determinado tamanho do câncer, o SUS te tira da lista [porque torna-se pequena a chance de o transplante ser bem-sucedido]. É uma guerra contra o tempo infernal.

Não chegava a minha vez na lista e o câncer crescia. [Se a cirurgia tivesse demorado] Mais um mês, o câncer estaria com um tamanho que eu seria sacado da lista. Nesse caso, eu teria que tratar o câncer novamente para que diminísse e só assim voltar à lista.

Quando tempo se passou do momento em que entrou na lista do transplante à cirurgia?



Depois das 19h30, eu começava a tomar vinho e, como sempre tive uma resistência gigantesca, raramente ficava bêbado. Ia até as 4h, a quantidade era sem limite. Quando eu via, eram três garrafas todo dia, e meu fígado começou a dizer: ‘Estou cansado’

O problema de ficar doente hoje em dia é essa porcaria chamada Google. Lá tem de tudo, inclusive fotos de pessoas com cirrose avançada, o que te deixa muito impressionado. O celular [referindo-se ao Google] esclarece muitas coisas, mas te põe em pânico em 90% das vezes

As medidas radicais, como os lockdowns, que o mundo inteiro fez, têm que acontecer mesmo, mas que venham com ajuda dos órgãos de governo, como benefícios fiscais. Não dá para um restaurante fechado pagar IPTU, não é justo

Gero Fasano, 59

Nascido em 1962 em uma família fortemente ligada à tradição da gastronomia italiana, o empresário paulistano comanda o grupo que administra 24 casas (restaurantes e bares) e sete hotéis no Brasil e no Uruguai. Vai abrir nos próximos meses um restaurante e um empreendimento residencial em Nova York.



Regina de Grammont - 24.out.11/Folhapress

O empresário Gero Fasano em restaurante que leva seu novo nome (à esq.), na rua Haddock Lobo, e em 2011, antes dos problemas de saúde e quando ainda se chamava Rogério

Um ano e pouco. Na lista, eu tinha a posição 26 em um determinado momento e acordava na 36. Depois mudava para 22. Isso acontece porque tem gente que entra na fila em condições piores. Fui chamado duas vezes ao hospital, mas o fígado era de um doador que tinha Covid. Na terceira vez, houve cancelamento da doação.

Só foi operado, então, na quarta vez que foi chamado ao hospital? Sim. Segundo o Ben-Hur [Ferraz Neto, cirurgião que comandou a equipe responsável pelo transplante], ele colocou um motor de BMW numa velha Fiat [risos].

Qual avaliação faz da fila do transplante? É uma das coisas mais corretas que eu já vi, uma correção impar. Mas é também a situação de maior aflição que já vi.

Ao longo do processo, quantos quilos perdeu? Estou com 74 kg. Ao todo, perdi uns 25 kg. Mas houve uma época que eu estava bem gordinho, uns 15 kg acima do que sempre fui.

Como se sente hoje? Muito bem. Volto agora ao trabalho depois de um ano e meio, com saúde, fazendo esportes. E acontecem coisas engraçadas. Minha voz, por exemplo, mudou, fiquei com um vozirão. E o cabelo está mais preto e mais duro. Mudou a textura.

Parou de beber completamente? Estou autorizado a beber um vinho aqui e acolá, tenho bebido bem pouco. Meus hábitos mudaram muito. David Bowie [1947-2016], um dos meus heróis, tem uma frase que escrevi no espelho do meu banheiro. Perguntaram o que havia mudado depois dos 60 anos, e ele respondeu: “I found out morning does exist” [Descobri que a manhã existe]. Hoje, amo acordar cedo.

O senhor fez campanha pela doação de órgãos em novembro de 2020, um mês depois da cirurgia. Como foi? Foram anúncios nos grandes jornais e nas principais revistas. Como escrevi no anúncio, é muito tocante que os familiares optem pela doação no pior momento da vida deles.

Eu estou aqui porque alguém quis —nunca saberei quem é. Falo, com emoção, que eu penso nele em todos os cuidados que tomo hoje. **Decidiu mudar seu nome depois do transplante, é isso mesmo?** Sou o único da minha família com nome brasileiro. Meu pai queria Rogério, nome do meu avô, mas minha mãe estava cansada de tantos nomes italianos e decidiu que seria Rogério. Nunca gostei do nome, confesso. Ai meu pai fez a confusão

final. Disse que precisava ter um nome italiano no meio e meteu Marco. Ficou, então, Rogério Marco Fasano.

Por sorte do destino, desde os seis anos, meu apelido é Gero. A maior parte dos meus amigos me trata dessa forma. Já queria ter feito essa mudança de nome antes, mas, pra evitar trabalho, acabei deixando de lado.

Saindo da mesa de operação e indo para o centro de tratamento intensivo [do hospital CopaStar, no Rio], acordei da anestesia. De um lado, estava o Ben-Hur e, do outro, Ana, a minha esposa. Olhei para ele e perguntei: “Ben, tô vivo?”. Ele respondeu: “Gero, não só tá vivo, como tá ótimo”. A cirurgia [com seis horas de duração] havia sido um sucesso.

Não falei nada na hora, mas pensei: você me rebatizou. Naquele momento, me senti rebatizado, e o Rogério ficou com o fígado velho. Depois de deixar o hospital, falei com meu advogado e, 15 dias depois, tinha nova certidão. Além disso, percebi que o meu nome nos EUA é impronunciável. “Rorriélio” ninguém merece [risos].

Como o grupo tem lidado com as medidas de fechamento na pandemia? O grupo vai ficar de pé e tem muitos planos. Temos um sócio muito forte, a [empresa do setor imobiliário] JHSE, que esteve firme ao nosso lado. Sobrando os dedos, a gente vai atrás do resto.

O que me deixa chateado é o seguinte: as medidas radicais, como os lockdowns, que o mundo inteiro fez, têm que acontecer mesmo, mas que venham com ajuda dos órgãos de governo, como benefícios fiscais. Não dá para um restaurante fechado pagar IPTU, não é justo.

Quais são esses planos? Vamos inaugurar em junho o Fasano Club Residence Hotel na Quinta Avenida, em Nova York, em frente ao Central Park. É um prédio de 16 apartamentos, pequeno e acolhedor, um projeto do [arquiteto francês] Thierry Despont.

E o meu grande desafio é o restaurante Fasano, também em Nova York, na Park Avenue com a rua 49, onde era o restaurante Four Seasons. É um projeto do Isay [Weinfeld]; aliás, trabalhar com ele é sempre um prazer. Abre no meio de setembro.

E depois de Nova York? Vou me dedicar a Nova York como no começo da carreira, como um cachorro, trabalhando todo dia, das 11h às 23h, indo de mesa em mesa. Depois, tenho um grande sonho, que é morar na Itália. Manter uma residência lá e viajar para acompanhar as operações nos outros países.